



HERDEIROS DO PORVIR

Ano XXIV – Nº 48
Jan./Fev./Mar. 2017
Distribuição gratuita

QUERO MEU BRASIL DE VOLTA!

Nas manifestações de 16/03/2016,
monarquistas hasteiam a bandeira
Imperial diante do Congresso

ATUAÇÃO DOS PRÍNCIPES

D. Luiz de Orleans e Bragança

O Chefe da Casa Imperial do Brasil, Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, enviou à Nação, pelo *Facebook*, a seguinte **Mensagem de Natal**: “Meus muito caros brasileiros, ‘Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na Terra aos homens de boa vontade’, ouviram os santos pastores quando acorreram à gruta de Belém para adorarem o Menino Jesus na noite de Natal. São esses mesmos sentimentos de alma – estou certo disso – que nos unem



a todos no fim deste conturbado ano de 2016, no qual os brasileiros saíram às ruas bradando ‘quero o meu Brasil de volta’, afastando assim as ameaças de uma corrente política que teve a pretensão de nos impor uma ordem de coisas profundamente contrária às nossas tradições. Se quisermos o nosso Brasil de volta, isto é, um Brasil grande, virtuoso, com harmonia social e verdadeiro progresso, voltemos confiantes para o Santo Presépio e roguemos a Jesus, Maria e José para que perseveremos em nossos esforços para restaurarmos em nossa Pátria uma civilização autenticamente cristã e monárquica. Com esse chamado à união, do fundo de meu coração, desejo a todos um Santo Natal e muito abençoado 2017”.



D. Luiz foi convidado pela Editora Linotipo Digital a redigir o texto de contracapa da tradução para o português, do livro “Idade Média – O que não nos ensinaram”, de autoria da medievalista francesa Régine Pernoud. No dia **2 de dezembro**, 191º aniversário

do nascimento do Imperador D. Pedro II, D. Luiz recebeu a visita do Dr. Laerte Lucas Zanetti, diretor da Linotipo Digital, que foi apresentar ao Príncipe o primeiro exemplar impresso do livro, o qual também foi valorizado pelo prefácio escrito pelo Prof. Dr. Ricardo da Costa, medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo. D. Luiz conheceu pessoalmente Régine Pernoud e admira sua extensa e profunda obra de esclarecimento sobre o que foi, na realidade, a Idade Média.

HERDEIROS DO PORVIR

Publicação da Pró Monarquia,
entidade civil sem fins lucrativos.
Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3822-4764
www.monarquia.org.br – e-mail: herdeirosdoporvir@monarquia.org.br

Diretor Responsável: Osvaldo Rocco
Jornalista Responsável: Yone P. Caldeira (MTB 17354)
Redator Chefe: Geraldo Hélon Winter
Diagramação: Luis Guillermo Arroyave
Impressão: Grafilar – Gráfica e Editora do Lar Anália Franco

D. Bertrand de Orleans e Bragança



Entre os dias **14 e 16 de novembro** o Príncipe Imperial D. Bertrand de Orleans e Bragança esteve em Santa Catarina, onde cumpriu extensa agenda de atividades. A programação já teve início no Aeroporto de Navegantes, onde o príncipe foi recebido pelo coordenador do *Ciclo Brusquense de Conferências Magnas Temáticas*, Prof. Paulo Vendelino Kons, e uma comitiva de autoridades e monarquistas locais. Em seguida sobrevoou de helicóptero as antigas Colônias Imperiais de Itajaí e Príncipe D. Pedro, aterrissando na sede da antiga Colônia Nova Itália, em São João Batista. Em homenagem aos 180 anos da colonização italiana, D. Bertrand discursou para numeroso público e depositou uma coroa de flores na lápide do pioneiro João José Zunino. Mais tarde, no município vizinho de Brusque, o príncipe abriu a *Mostra Filatélica Império do Brasil*, exibida no hall do Teatro do Centro Empresarial, Cultural e Social de Brusque. Em seguida ministrou a palestra “A Monarquia na Construção do Brasil Independente”, abrindo o Ciclo de Conferências Magnas do Bicentenário da Independência, que se estenderá até 2022. Minuciosa reportagem desta viagem pode ser encontrada no *Facebook* da Pró Monarquia.

D. Antônio de Orleans e Bragança



No dia **15 de novembro**, 127º aniversário do infame golpe republicano, os monarquistas se reuniram em “Bandeiraços Imperiais” de norte a sul do Brasil. No Rio, o Príncipe D. Antonio de Orleans e Bragança e seus sobrinhos, D. Pedro Alberto e D. Luiz Philippe, participaram dos protestos na Praia de Copacabana, que se somou a um ato pela desocupação do Colégio Pedro II, em favor do projeto “Escola Sem Partido” e contra a ideologia de gênero.



Nos dias **25 e 26 de novembro** realizou-se o *I Encontro Conservador de Mato Grosso do Sul*, promovido pelo Instituto Iniciativa, na sede da Associação Brasileira de Odontologia, em Campo Grande.

D. Bertrand prestigiou o evento, proferindo a palestra “Brasil, uma Nação destinada a um futuro grandioso” e participando de debates. Falaram também para o numeroso público, sobretudo constituído por jovens, os Srs. José Carlos Sepúlveda da Fonseca, Luis Vilar e Ítalo Marsili. Embora não fosse um Encontro propriamente monarquista, ficou clara a inegável superioridade da Monarquia sobre a República, contribuindo grandemente para a formação humana e intelectual dos presentes. Na ocasião D. Bertrand autografou inúmeros exemplares de seu livro “*Psicose Ambientalista*”.



Em **5 de dezembro**, durante a tradicional reunião e jantar semanal dos membros da *Pró Monarquia*, D. Bertrand demonstrou seu

integral apoio à campanha contra o aborto, desta vez promovida pelo jovem monarquista Leonardo Beraldin. O príncipe, graças à sólida formação moral e religiosa recebida de seus pais, tem estado na linha de frente de iniciativas que visam a preservação de valores morais cristãos, entre os quais inscreve-se a luta pela preservação da vida. A publicação desta foto no *Facebook* atingiu 411.281 pessoas.

No dia **9 de dezembro**, o Príncipe D. Gabriel de Orleans e Bragança representou seu tio, D. Bertrand, como paraninfo da turma de formandos 2016 da Escola Estadual Visconde de Itaúna, o mais importante colégio público do bairro do Ipiranga, em São Paulo. Fundada em 1930, a escola se orgulha de sua vinculação com o Império. A comissão de formatura deliberou convidar D. Bertrand para patrono e nomear os formandos como “Turma Príncipe Imperial do Brasil”. Com uma grande bandeira imperial ao fundo, D. Gabriel discursou, presenteou professores e destacados alunos com pins do brasão imperial, e no final descerrou placa comemorativa na Sala Memorial oferecida pelo Círculo Monárquico Brasileiro.



No dia **17 de dezembro** D. Bertrand participou do *Ato Nacional em Defesa da Vida*, realizado no vão livre do Museu de Arte de São Paulo (MASP), importante ponto turístico e costumeiro local de manifestações. Acompanharam o Príncipe alguns monarquistas portando a bandeira imperial. Em discurso, D. Bertrand incentivou todos a se unirem nessa nobre luta, que é a da defesa da vida de inocentes, sendo muito aplaudido. No final foi requisitado para fotografias. No mesmo dia manifestações similares foram realizadas por todo o País.



Na **véspera de Natal** foi exibida no Canal do Boi a tradicional participação de fim de ano de D. Bertrand. O programa *Zebu para o Mundo*, de alcance nacional e com boa penetração nos meios rurais, é apresentado por Luiz Crozara. O príncipe é Coordenador Nacional e Porta-Voz do Movimento Paz no Campo, e autor do *best seller* “*Psicose Ambientalista* – os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma ‘religião’ ecológica, igualitária e anticristã”.



D. Rafael de Orleans e Bragança

O Príncipe D. Rafael de Orleans e Bragança, quarto na linha de sucessão ao Trono brasileiro, juntamente com seus primos D. Gabriel, D. Luiz Philippe e D. Pedro Alberto, enviou à direção do tradicional Colégio Pedro II, em **19 de outubro**, uma mensagem de repúdio em razão de atos políticos ali realizados. Tais atos reuniram ideólogos de esquerda, comunistas, anarquistas e outros grupos totalitários num local em que, segundo os príncipes, deveria ser “um santuário do saber e formar as futuras gerações do Brasil”, como era a intenção do fundador, Sua Majestade D. Pedro II. Segundo eles, causa indignação ver uma instituição que nasceu para um nobre fim ser “prostituída por desideratos espúrios”. E prosseguem: “Que o regime vigente prefere agrilhoar nossos jovens no ostracismo destrutivo da ignorância já é senso comum. Mas mesmo para os padrões republicanos conseguiram transcender ainda mais as escalas abissais da imoralidade e da falta de comprometimento com o futuro nacional”.

No dia **12 de novembro** foi realizada a *I Jornada Monárquica no Interior de Minas Gerais*, com o tema “Monarquia, vocação adormecida do Brasileiro”, na cidade mineira de Pompeu, promovido pelo Círculo Monárquico e pela Juventude Monárquica de Minas Gerais. Como convidado de honra, representando a Casa Imperial do Brasil, esteve presente o Príncipe D. Rafael. A programação teve início na noite do dia 11, recepcionando o príncipe, no Aeroporto Internacional de Belo Horizonte, o Presidente do Círculo Monárquico de Minas Gerais, Dr. Hugo de Castro, autoridades e monarquistas locais. No dia seguinte visitou logo cedo a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e a feira de produtos rurais. Às 9 horas chegou ao Centro Cultural D. Joaquina do Pompeu e foi apresentado ao Prefeito Joaquim Campos Reis. Após café da manhã, foi feita a abertura da Jornada. Seguiram-se palestras proferidas pelo Dr. Hugo de Castro, pelo Dr. Gilberto Madeira Peixoto e pelo próprio Príncipe. Após o almoço D. Rafael pode conversar com jovens de toda a região, que lhe apresentaram o trabalho pró-monárquico que vêm fazendo em suas cidades.



Republicanos agredidos pela realidade querem “o meu Brasil de volta”

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Do ponto de vista da análise psicológica, um fenômeno muito curioso a ser estudado é o do conflito interior, passado no âmbito mais recôndito da psique de cada indivíduo, entre monarquia e república.

Por trás da opção pela forma de governo – vitalícia, hereditária e familiar nas monarquias; temporária, eletiva e individualista nas repúblicas – existe toda uma visão do universo, toda uma filosofia de vida.

A opção monárquica concebe a nação como um imenso conjunto de famílias que, historicamente, são governadas desde tempos muito remotos por uma família soberana. Já a opção republicana, fundamentalmente individualista, concebe a nação como um conjunto de cidadãos que, a título estritamente individual, escolhem um cidadão para, em caráter transitório, exercer o poder a título também individual. Um dos grandes argumentos brandidos pelos republicanos do século XIX é que as monarquias eram muito custosas, pois precisavam sustentar não apenas o monarca, mas toda a sua família, enquanto as repúblicas seriam muito econômicas, já que as esposas, os filhos e demais consanguíneos dos presidentes eram cidadãos comuns e nada precisariam receber do estado... Cândida ilusão!



Bandeira da Monarquia hasteada por horas diante do Congresso Nacional

A concepção monárquica prevê que não haja disputas nem preferências na escolha do herdeiro, que é determinado pela ordem de sucessão e de primogenitura, de geração em geração; e procura capacitar esse herdeiro, por meio de uma adequada educação, para o exercício pleno de suas funções. Já o sistema republicano prevê que a passagem do poder seja exatamente da forma oposta, ou seja, em meio a uma disputa eleitoral em que se enfrentam os candidatos, se engalfinham em luta inclemente, se agredem, se insultam, se acusam, por vezes se caluniam... tudo como meio de conseguir as preferências de um eleitorado volúvel, mutável e cambiante, ao qual se atribui a função de eleger, para a suprema magistratura, o cidadão mais capacitado para reger os destinos do país. De fato, em tese os candidatos a uma elei-



Machado de Assis (acima) escreveu: “Peço aos deuses que afastem do Brasil o sistema republicano”

Gilberto Freyre: desilusão com a república



ção presidencial são os melhores dentre os melhores, os mais talentosos, mais capazes, mais brilhantes e mais patrióticos dentre todos os cidadãos do país. Os propagandistas republicanos do Novecentos diziam que o

perigo das monarquias era um príncipe incapaz suceder ao pai e subir ao trono... mas não pareciam prever a possibilidade de um presidente incompetente – ou, em termos brasileiros, uma “*presidenta incompetente*” – chegar ao poder por via eleitoral.

A concepção monarquista sabe que os homens são iguais na sua essência, mas se diferenciam acidentalmente em muitos aspectos, e que dessas diferenciações decorre uma hierarquia de situações que em si mesma nada tem de injusta ou indignificante. A concepção republicana é teoricamente igualitária, mas na prática embute a mais cruel das desigualdades. Muita razão tinha Machado de Assis quando, aos 27 anos de idade, escreveu: “*peço aos deuses que afastem do Brasil o sistema republicano, porque esse dia seria o do nascimento da mais insolente aristocracia que o sol jamais alumiou*” (crônica de 5/3/1867, citada por Roberto Pompeu de Toledo em “Veja”, 9/11/2016).

Enfim, tantas e tantas são as diferenças entre monarquia e república que poderíamos nos estender longamente sobre elas. Mas não é esse o objetivo do meu artigo de hoje.

O que quero destacar é que, dentro do interior de cada mentalidade individual, convivem de certa forma essas duas mentalidades opostas, correspondentes às duas visões do universo antagonicamente inconciliáveis. Parece *non sense* o que estou afirmando, mas sustento que por mais que uma pessoa seja monarquista, ela não pode deixar de ter, no seu interior, ainda que implicitamente e no campo do subconsciente, algumas pitadas de republicanismo, ou pelo menos certos movimentos interiores tendentes ao republicanismo. E por mais que alguém seja republicano, jacobino e antimonárquico, não pode deixar de ter, dentro de si, algumas vagas simpatias, às vezes sentidas e disfarçadas, às vezes nem sequer conscientemente explicitadas,

por tudo aquilo que, no imaginário coletivo, caracteriza a velha e tradicional monarquia.

É precisamente por isso que se costuma dizer que em todo republicano há um monarquista que dorme – frase cuja autoria é desconhecida (já a vi atribuída até a Ruy Barbosa), mas que, em todo o caso, a experiência de muitos anos de propaganda monarquista revela ser verdadeira. Vale lembrar, a propósito, que num estudo clássico, intitulado “O Patriarca e o Bacharel” (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953), Luís Martins analisou o caso de uma geração de jovens que saudaram com esperança o advento do regime de 1889 e pouco a pouco, ao longo da vida, foram se desiludindo com a república, chegando à idade madura francamente como saudosistas do velho regime imperial. E é de se notar a ênfase com que, em nossos dias, multidões bradam, de norte a sul do Brasil, a frase “Quero meu Brasil de volta!” depois de nossos conturbados 127 anos de república.

Em “Ordem e Progresso” (Rio de Janeiro: José Olympio, 1957), Gilberto Freyre também alude ao mesmo fenômeno. São exemplos clássicos de “*republicanos agredidos pela realidade*”, nos quais acabou despertando o velho monarquista adormecido. Consta que, no fim da vida, até Júlio de Mesquita Filho, diretor do republicaníssimo jornal “O Estado de São Paulo”, não escondia seu saudosismo monárquico, a ponto de dizer que não entendia como seu pai, sendo homem inteligente, tinha podido defender a República (cfr. José Maria Mayrink, *Trajétória de um jornalista liberal*, “O Estado de São Paulo”, 25/11/2009).

Um exemplo característico de monarquista dormindo ou dormitando num republicano confesso pode ser encontrado em recente artigo do historiador e professor da UNICAMP Leandro Karnal, publicado precisamente no velho jornal dos Mesquita (*O Real da realeza*, “O Estado de São Paulo”, 4/1/2017), no qual comenta o seriado televisivo “The Crown”, que vem sendo exibido em todo o mundo e já conquistou um número imenso de aficionados.

Karnal aponta vários aspectos do seriado que o impressionaram. Por exemplo, a cena da velha rainha Mary se inclinando respeitosamente diante da sua jovem neta no momento em que esta recebia a notícia do falecimento de seu pai. Morto Jorge VI, a realeza britânica continuava viva, sem qualquer solução de continuidade, na pessoa de sua filha Elizabeth. “*The King never dies*”... O fato de a velha mãe do monarca falecido se curvar diante da neta – que naquele instante já não era apenas a neta, mas personificava uma instituição venerável, um ideal, uma nação, uma História, a recordação de

um passado e ao mesmo tempo a esperança de um futuro para todo um Povo e, mais do que isso, para um conjunto de povos que constituiriam a *Commonwealth* – tem inegável grandeza. A cena impressionou Karnal, que a comenta e, sem ocultar certa nota de melancolia:

“O trono é mais poderoso do que seus ocupantes. Mary se inclina enfaticamente e demonstra que não existe mais Elizabeth de Windsor, mas apenas a rainha Elizabeth II. Essa é parte da magia das monarquias: a liturgia do cargo antecede e se amplia sobre as pessoas. No campo simbólico, as repúblicas sempre falharam miseravelmente diante da força histórica e sagrada do trono. A célebre música de Haendel usada

em coroações, *Zadok the Priest*, com sua grandiosidade épica, seria inconcebível numa posse em Brasília”.

Não foi essa a única cena do seriado que fez Karnal lembrar melancolicamente da capital brasileira. Afinal de contas, se a Inglaterra, aferrada ao seu passado glorioso, insiste em se manter de pé, à maneira de uma mítica ilha de sonho, também nós, no Brasil republicano temos uma “ilha da fantasia” – como se costuma designar, com claro intuito pejorativo, a Brasília republicana. Karnal se impressionou com uma cena do velho Churchill discursando e não lhe foi possível deixar de compará-lo aos “estadistas” brasileiros da atualidade. Passo de novo a palavra a ele:

“Eu falei de ligeira melancolia. Sim, porque ouvir Churchill discursando me remete aos discursos atuais sob o trópico da crise. Temos homens preparados e já houve até pessoas cultas na presidência. Mas a falência da nossa retórica é brutal. Os políticos falam mal, pronunciam de forma péssima e, quase sempre, expressam ideias pouco elaboradas. Insultam-se, matando o decoro, a inteligência e a esperança num Brasil melhor. Por que melancolia? Porque um dia os discursos estiveram inscritos nas páginas da literatura mundial; hoje, amiúde, constam em autos judiciais de acusações recíprocas de rapinagem. Moldura e tela ficaram de qualidade duvidosa”.

As palavras com que conclui seu artigo são ainda mais expressivas da mentalidade de um intelectual desorientado, mas inteligente que, agredido pela realidade republicana, sente dentro de si, latente, a atração pela monarquia:

“Na nossa República, a mediocridade é exaltada e a ribalta política traz à tona o caráter tosco e raso dos nossos líderes. Não sou um monarquista, mas confesso que ser republicano está cada dia mais árduo... *God save the Queen!* Que Marianne, símbolo da República, tenha uma ou duas aulas de etiqueta e de dignidade”.



Leandro Karnal: “Ser republicano está cada vez mais árduo”



“Quero meu Brasil de volta”, lema adotado pelos brasileiros em manifestações pelo país

Casa Imperial: eventos concorridos encerram 2016

A Sede Social da Pró Monarquia, em São Paulo, ficou pequena, e por isso as comemorações de fim de ano ocorreram em dose dupla.

No dia 7 de dezembro foi realizado o tradicional coquetel de confraternização. O Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, seu irmão, o Príncipe D. Bertrand, e diretores da Pró Monarquia receberam cinquenta convidados, sobretudo jovens, destacando-se o Príncipe D. Rafael, quarto na linha de sucessão ao trono brasileiro, e seus primos, os Príncipes D. Luiz Philippe, D. Gabriel e D. Pedro Alberto. Ao final, o Presidente da Pró Monarquia, Dr. José Guilherme Beccari, saudou D. Luiz com breve discurso e um grupo de jovens monarquistas entregou ao príncipe um presente de Natal. Sua Alteza agradeceu as homenagens com um evocativo discurso, notando o crescimento do movimento monárquico no ano prestes a findar e enaltecendo o papel dos jovens nesse crescimento.



D. Luiz, D. Bertrand e seus sobrinhos
D. Rafael, D. Gabriel e D. Pedro Alberto



Orquestra e Coral durante a apresentação



Animadas conversas durante o coquetel



Sacerdote, príncipes
e parte da plateia

Dez dias depois, em 17 de dezembro, D. Luiz e D. Bertrand receberam outros 70 convidados para mais um Recital de Natal, apresentado no mesmo local. Presentes antigos amigos dos príncipes como o Dr. Eduardo de Barros Brotero e jovens monarquistas, autoridades civis, militares e eclesiásticas, além de personalidades do mundo televisivo, como Mariana Godoy, Dalcides Biscalquin,

Edu Guedes, Juarez Soares, entre outras. Três músicos com instrumentos de corda e coral de quatro vozes apresentaram, durante uma hora e meia, músicas clássicas, incluindo temas natalinos. Após a apresentação seguiu-se um coquetel, e o Chefe da Casa Imperial presenteou os convidados com *pins* do Brasão Imperial para os homens e broches com o mesmo símbolo para as mulheres.



Presença de militares no concerto



Convidados recebem *pins* de presente



Organizadores do evento
agradecem presença do público

D. Pedro II em Pernambuco

ANDERSON ALEXANDRE NEVES DA SILVA

Poucas pessoas marcam nossas vidas de forma indelével, *a fortiori* a de um povo. A figura exponencial de D. Pedro II, entretanto, mesmo depois de 157 anos de sua visita ao Nordeste, se faz sentir em muitos lugares até hoje, não obstante toda a campanha republicana para apagá-la. De acordo com um de seus historiadores, José Murilo de Carvalho, *“no fim de 1859, Pedro II partiu em viagem às províncias ao norte da capital (RJ), visitando o Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba, retornando após quatro meses. A viagem foi um grande sucesso, com o imperador sendo alegre e calorosamente recepcionado em todos os lugares”*.

Em discurso de encerramento da 3.^a Sessão da 10.^a Legislação da Assembleia Geral na Corte, o Imperador comunicou a pretensão de visitar algumas Províncias localizadas ao norte da Capital do Império. As demais da região e do centro-oeste seriam visitadas em outra ocasião. Declarou o Imperador: *“Quero conhecer melhor as províncias do Império, cujos melhoramentos morais e materiais são alvo dos meus constantes desejos, e dos esforços do meu governo. (...) Decidi visitar as que ficam ao norte do Rio de Janeiro, sentindo que a estreiteza do tempo que medeia entre as sessões legislativas me obriguem a percorrer somente as Províncias do Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba”*. O imperador morreu sem realizar o sonho de visitar Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Pará e Amazonas, entre outras. Devido à falta de espaço, farei breves considerações somente sobre a visita a Pernambuco, meu Estado.

Como podemos facilmente conferir em matérias dos jornais da época, ao atracar na capital da então província, a comitiva imperial foi recebida com toda a alegria pelo povo. Os recifenses acorriam em massa ao cais, especialmente construído para a ocasião, local recentemente restaurado e denominado, desde a passagem de D. Pedro II, “Cais do Imperador”.

Houve badalar de sinos em todas as igrejas de Recife e de Olinda, Missas e, como não poderia deixar de ser, inúmeras festas e bailes, sendo o mais importante o ocorrido no Hospital D. Pedro II. Este grande e pomposo evento em homenagem aos Imperadores foi oferecido pela Associação Comercial de Pernambuco. Mais de dois mil convidados da elite da região homenagearam a Família Imperial. Diga-se apenas de passagem que a maior parte dos grandes nomes da medicina de Pernambuco passou pelo Pedro II, ora como aluno ora como componente do corpo médico.

A visita imperial deixou ainda inúmeras marcas na capital pernambucana. Além do Cais do Imperador, ruas foram batizadas com os nomes de Suas Majestades, como as famosas Rua do Imperador D. Pedro II e Rua da Imperatriz D. Teresa Cristina, ou, como popularmente ficaram conhecidas, Rua do Imperador e Rua da Imperatriz. Sem falar da sede do governo estadual, denominada Palácio do Campo das Princesas, em homenagem às princesinhas Isabel e Leopoldina.

Segundo registros da época, 80 mil pernambucanos recepcionaram a comitiva imperial e, dias depois, 30 mil presenciaram a queima de fogos de artifícios colocados ao longo do rio. Os feste-

jos prosseguiram até 1h da manhã, sem ocorrência de desordens. Infelizmente, com o golpe de 15 de novembro, o antigo Largo das Princesas transformou-se na melancólica Praça da República.

A passagem de D. Pedro II não se restringiu à capital da Província de Pernambuco. Conheceu ele vários engenhos, como o Moreno, situado no município de mesmo nome, da família Sousa Leão, onde provou uma iguaria que se tornou famosa: o *Bolo Sousa Leão*. Este bolo típico de Pernambuco recebeu o título de Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado, outorgado pela lei 13.428/2008. A receita foi criada por D. Rita de Cássia Sousa Leão Bezerra Cavalcanti, esposa do coronel Agostinho Bezerra da Silva Cavalcanti. É considerado o mais aristocrático dos bolos brasileiros. Diz a tradição que só deve ser servido em pratos de porcelana ou cristal. Elaborado seguindo a receita original, monarquistas ofereceram recentemente o mesmo bolo ao

Chefe da Casa Imperial, D. Luiz de Orleans e Bragança (foto), que muito o apreciou.

D. Pedro II esteve também, em 5 de dezembro de 1859, no município de Igarassu, minha cidade, visitando e se hospedando no engenho Monjope, o maior da Província. O local conserva até hoje todos os elementos que formavam este tipo de empreendimento: casa grande, capela, engenho (fábrica ou moenda), senzala e casa do capitão-do-mato. Na época era propriedade do Barão de Vera Cruz (Manoel Joaquim Carneiro da Cunha, 1811-1869). Tinha tudo o que se poderia esperar de um verdadeiro palácio: conforto, requinte, aposentos amplos e arejados, bela paisagem, móveis importados da Europa, porcelanas inglesas, francesas e chinesas.

Alguns destes exemplares estão hoje expostos no Museu de Igarassu, além do relógio carrilhão da Casa Grande, trajes do Barão e da Baronesa etc.

Em Igarassu D. Pedro conheceu ainda a igreja mais antiga do Brasil, a dos Santos Cosme e Damião, datada do ano de 1535, além da igreja do Sagrado Coração de Jesus e do Convento de Santo Antônio. Mais tarde ocorreu, no hoje chamado Sobrado do Imperador, a cerimônia outrora denominada do beija-mão, em que quaisquer pessoas podiam ter acesso direto ao Imperador: bastava o interessado se apresentar diante do monarca e expor o que desejava. O Fórum da cidade também passou a se chamar D. Pedro II.

A comitiva imperial seguiu viagem para os municípios pernambucanos de Petrolândia e Petrolina, onde também deixou marcas indelévels, rumando depois para a Província da *Parahyba do Norte*, hoje Paraíba. Passou aí cinco dias, inclusive o Natal de 1859. Sabendo ser uma região muito pobre, enviou do próprio bolso a importância de 7 contos de réis para que o governo preparasse sua visita sem onerar a população local.

Em fevereiro de 1860 terminava uma das mais importantes viagens do Imperador. A poeira da história, entretanto, não apagou as marcas deixadas pela Família Imperial nos locais por onde passou. O impulso dado por D. Pedro II para o progresso da região poderia ter prosseguido, se não adviesse o lúgubre golpe republicano. Mas isto é assunto para outro artigo.





JOSÉ GUILHERME BECCARI

Coisas da República...

Guerra invisível – Poucos episódios evidenciam tão bem o embuste “república = democracia” do que o referendo de 2005 sobre o desarmamento. Os desarmamentistas estavam certos de que, com o apoio maciço dos meios de comunicação, do governo petista e lamentavelmente da CNBB, ganhariam facilmente, mas, ao serem abertas as urnas, ficou patente que nosso povo não caiu na armadilha: o desarmamento foi rejeitado por 64% da população. No entanto, essa extraordinária manifestação da vontade popular foi olímpicamente ignorada e, para alegria da bandidagem, manteve-se proibido o porte de arma para os civis e foi ainda mais dificultada a aquisição legal de armas para defesa do próprio lar. Passando por

cima de um direito natural dos mais elementares – o da legítima defesa e salvaguarda da família e bens – nossos governantes, ditos “democratas”, compactuam com as mesmas medidas ditatoriais de nazistas e comunistas que, logo ao assumirem o poder, desarmaram a população. Isso faz parte de verdadeira guerra psicológica

revolucionária, pois “povo desarmado é povo psicologicamente subserviente”, preparado para aceitar qualquer barbaridade que lhe seja imposta. Ou alguém ainda crê nas boas intenções de nossa república?

Na calada da noite – Outro episódio mostrando que estamos em plena ditadura republicana é o do abaixo-assinado “10 medidas contra a corrupção” firmado por mais de 2,2 milhões de brasileiros e enviado à Câmara dos Deputados para ser discutido e transformado em lei. Sem entrar no mérito das medidas, o fato é que os deputados, depois de acalorada discussão durante todo o dia, na calada da noite desvirtuaram completamente o projeto, tornando-o favorável a eles mesmos, sobretudo aos acusados pela Lava-Jato de receberem dinheiro sujo de empresas. O texto desfigurado foi votado e aprovado pela maioria dos congressistas. E qual foi a reação do presidente da Câmara diante da indignada reação da opinião pública expressa nas redes sociais? A de querer verificar, uma por uma, se eram verdadeiras as mais de 2 milhões de assinaturas. Ou seja, procrastinar o máximo uma nova discussão até o assunto virar pó. Salvo reviravolta pouco provável, a ação moralizadora da maioria da população brasileira, representada por essas assinaturas, não passará de mero sonho. Enquanto isso continuaremos a amargar nosso já longo pesadelo da corrupção republicana.

“Piques-pegas” – E falando em “pesadelo”, não dá para entender o preceito do “foro privilegiado” do nosso ordenamento jurídico, verdadeiro sinônimo de impunidade. Somente na república brasileira existe tal excrescência. Todos têm de se lembrar da ex-presidente Dilma pretendendo livrar Lula da prisão ao dar-lhe um cargo ministerial. Em nossas brincadeiras de “pega-pega” de criança, por mais que o pirralho desafiasse seu captor ziguezagando de lá para cá e daqui para lá, ao se ver apertado corria para um ponto pré-determinado chamado “piques”, gritava esta palavra “mágica” e ficava imune da apreensão, na prática liberto para continuar aprontando. Hoje o mesmo acontece com centenas de nossos políticos: pegos com a boca na botija, correm

logo para certa localidade de Brasília denominada Supremo Tribunal Federal e gritam, alto e bom som, “Foro privilegiado!” Pronto, tornaram-se imunes, ou ao menos o julgamento demora tanto que muitas penas prescrevem, como ocorreu no mensalão. Segundo pesquisas, as condenações de “foroprivilegiados” pela Suprema Corte são inferiores a 1%. Obviamente é necessário acabar o quanto antes com mais esta “brincadeira” republicana.

Coisas da Monarquia – Do escritor Monteiro Lobato, em “A luz do baile”: “O juiz era honesto, se não por injunções da própria consciência, pela presença da Honestidade no trono. O político visava o bem público, se não por determinismo de virtudes pessoais, pela influência catalítica da virtude imperial. As minorias espiravam, a oposição possibilitava-se: o chefe permanente das oposições estava no trono. A justiça era um fato: havia no trono um juiz supremo e incorruptível. O peculatório, o defraudador, o político negociista, o juiz venal, o soldado covarde, o funcionário relapso, o mau cidadão enfim, e mau por força de pendores congêniais, passava, muitas vezes, a vida inteira sem incidir num só deslize. A natureza o propelia ao crime, ao abuso, à extorsão, à violência, à iniquidade – mas sofria as rédeas aos maus instintos a simples presença da Equidade e da Justiça no trono. Foi preciso que viesse a República, e que alijasse do trono a força catalítica, para patentear-se bem claro o curioso fenômeno. A mesma gente, o mesmo juiz, o mesmo político, o mesmo soldado, o mesmo funcionário até 15 de novembro honesto, bem intencionado, bravo e cumpridor dos deveres, percebendo, na ausência do imperial freio, ordem de soltura, desaçamaram a alcatéia dos maus instintos mantidos em quarentena. Daí, o contraste dia a dia mais frisante entre a vida nacional sob Pedro II e a vida nacional sob qualquer das boas intenções quadrienais, que se revezam na curul republicana. Pedro II era a luz do baile. Muita harmonia, respeito às damas, polidez de maneiras, jóias de arte sobre os consolos, dando ao conjunto uma impressão genérica de apuradíssima cultura social. Extingue-se a luz. As senhoras sentem-se logo apalpadadas, trocam-se tabefes, ouvem-se palavreados de tarimba, desaparecem as jóias... Como, se era a mesma gente! Sim, era a mesma gente. Mas gente em formação, com virtudes cívicas e morais em início de cristalização. Mais um século de luz acesa, mais um século de catálise imperial, e o processo cristalisatório se operaria completo. O animal, domesticado de vez, dispensaria o açamo. Consolidar-se-iam os costumes; enfiar-se-ia o caráter. E do mau material humano com que nos formamos sairia, pela criação de uma segunda natureza, um povo capaz de ombrear-se com os mais apurados em cultura. Para esta obra moderadora, organizadora, cristalizadora, ninguém mais capaz do que Pedro II; nenhuma forma de governo melhor do que sua monarquia. Mas sobrevém, inopinada, a República. Idealistas ininteligentes, emparceirados com a traição e a inconsciência da força bruta, substabelecem-se numa procuração falsa e destroem a obra de Pedro II ‘em nome da nação’. A nação não reage, inibida pela surpresa, e também porque lhe acenam logo com um programa de maravilhas, espécie de paraíso na terra”.

